

Mary Del Priore

fala para os Cadernos de Gênero e Tecnologia⁵⁷

Mary Del Priore é historiadora, autora de mais de 30 livros sobre História do Brasil. Vencedora de vários prêmios nacionais e internacionais como Jabuti, da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA), Sérgio Buarque de Holanda, Ars Latina e Casa Grande & Senzala, colabora para jornais e revistas nacionais e internacionais. Membro do PEN Clube, é também sócia titular do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Academia Portuguesa de História e da Real Academia de La História de España, entre outros. Sua trajetória como docente se dá como professora do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, e da PUC-RJ e é professora do curso de pós-graduação em História, da Universidade Salgado de Oliveira.

Esta entrevista se deu após o lançamento do livro “A carne e o sangue”, na Livraria Curitiba, no Shopping Estação, Curitiba, Paraná em 24 de maio de 2012, quando a historiadora participou da apresentação do livro, seguida de um debate, em que alunos de algumas universidades fizeram perguntas sobre assuntos tanto referentes ao livro em questão, quanto aos diversos temas que a autora domina, sempre permeados pelas questões de Gênero que nós do GETEC estamos discutindo. Estávamos eu e minha colega representando o GETEC naquela oportunidade.

Após o debate, informamos à autora a intenção de elaborar uma entrevista com assuntos referentes às questões de Gênero, e ela mostrou-se inteiramente receptiva. Abaixo, parte de nossa conversa via *e-mail*, que culminou com a entrevista que colocamos no final, esperando que seja agradável a leitura para vocês.

57 Preâmbulo, transcrição e composição do texto por Tânia Rosa F. Cascaes. A entrevista foi organizada por Sônia Cabral e Tânia Rosa F. Cascaes. Foto capturada dos arquivos da internet.

Olá, Professora e Escritora Mary,

Tivemos a grande satisfação de participar do lançamento da sua última obra “A carne e o sangue”, na Livraria Curitiba, no Shopping Estação.

Somos, eu e a Sônia, pesquisadoras do Núcleo de Gênero e Tecnologia (GETEC), grupo este que existe há 12 anos, inscrito no CNPq e que milita na Academia, uma vez que atua na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), antigo CEFET-PR, reduto masculino por excelência. Eu, particularmente, sou Mestre em Tecnologia e me inseri nos estudos de gênero por constatar a extrema invisibilidade com que nós mulheres somos referidas em relação às ciências, sempre protagonistas da “pseudociência”.

Assim resumindo, podemos dizer-lhe da dificuldade que tivemos para chegar até aqui em nossa trajetória, para colocar os assuntos das relações de gênero dicotomizadas como categoria relacional, não só nesta academia, mas lutando por uma visibilidade em Congressos, Simpósios e mesmo nas vinculações com o ativismo e militâncias por este mundo afora. A característica androcêntrica de uma universidade tecnológica, em nossa sociedade, colocou-nos um grande desafio como a quebra de paradigmas, e atualmente, com a permeabilidade da mídia, podemos afirmar que os assuntos em relação às mulheres são discutidos mais abertamente no âmbito do espaço público. A temática, recorrente em suas obras sobre as mulheres, nos permite transitar mais profundamente na historicidade das nossas pesquisas. Sem querer ser repetitiva, pois temos em seus estudos grandes fontes de consulta em nossos assuntos, tomo a liberdade de enviar-lhe umas perguntas, cujas respostas serão publicadas, se contarmos com sua autorização, no “Cadernos de Gênero e Tecnologia”, periódico semestral, indexado, que publicamos com assuntos e artigos pertinentes ao tema, e do qual lhe será enviado exemplar, com sua contribuição.

Agradecendo antecipadamente sua atenção, gostaria de dizer-lhe da grande satisfação que tivemos em conhecê-la e “curtir” seu mais do que agradável e esclarecedor bate-papo naquele encontro-debate.

Fortes abraços

Tânia Rosa F. Cascaes,

taniarosa@onda.com.br

A seguir alguns trechos da resposta tão simpática da Professora Mary:

Querida Tânia. Nem precisava me lembrar do GETEC & Cia. O encontro na Livraria foi bastante sensibilizador e não me esqueci da simpatia e competência de vcs. Desculpe a demora, mas estou no exterior em férias e distante de um computador. Só agora pude responder.

[...] Querida Tânia, eu é que agradeço o carinho e gentileza de vcs. Conte sempre comigo. Afinal, juntas, temos que fazer um país melhor para nossos filhos e netos. Bjs

Então, finalmente, a entrevista:

CGT - As mudanças sociais e o reconhecimento dos direitos referentes às mulheres não são identificados pela maioria como fruto das lutas feministas para garantir leis e políticas públicas voltadas à promoção da equidade de gêneros. A que se deve essa falta de visibilidade e de valorização do movimento feminista?

MDP - De fato, temos uma longa luta por melhores condições de vida da mulher brasileira, que raramente é lembrada. Nísia Floresta, na primeira metade do século XIX já militava em favor do ensino e da escolarização da mulher, para que esta pudesse sobreviver sem ver no casamento a única saída para sua vida. Na segunda metade do século, inúmeras escritoras começaram a colaborar para jornais e os assuntos mais focados eram a Abolição e a República. Depois, vieram as sufragistas, as políticas que lutaram contra a ditadura de Getúlio e do governo militar, o *lobby* do Batom quando

da Constituinte, os Clubes de Mães e as associações ligadas às igrejas, nos anos 80, enfim, temos um passado que raramente é lembrado ou comemorado. E que ao mesmo tempo revela que já fomos melhores cidadãs participativas nos destinos do país. Razões para que a política seja uma questão de somenos importância, hoje? Penso que a entrada massiva de mulheres no mercado de trabalho, a partir do final dos anos 80, bem como o controle da natalidade assegurado pela democratização da pílula, deram novas agendas às brasileiras. Agora, não mais agendas coletivas, mas individuais. Nisso, as mulheres refletiram as preocupações e a mudança dos tempos. O final do século XX é o momento do aparecimento do individualismo como filosofia de vida. Junto com ele, a obsessão da busca da felicidade, da independência, enfim, do prazer e do hedonismo. Milhares de obras publicadas na época refletem tais objetivos. Passamos, portanto, de um mundo onde vigiam as relações horizontais, onde as sociabilidades giravam em torno da família, da igreja e do clube, para outro, onde as demandas dizem respeito ao sucesso individual a todo preço. A mulher passou a ser cobrada para tornar-se a melhor profissional, a melhor mãe, dona de casa, amante, enfim. Os papéis femininos atomizados passaram a exigir cotas de esforço pessoal tremendo. Sem tempo para o coletivo ou o plural. Resultados? O IBGE vem revelando que aumenta o número de lares dirigidos por mulheres e que um processo de feminização tomou inúmeros campos de trabalho: na Comunicação, no Direito, nas Universidades, etc. Ora, deste ponto de vista, as mulheres conseguiram liberdade e trabalho. É possível que um dos resultados desta caminhada vá resultar numa tomada de consciência, sobretudo por parte de mulheres educadas e formadas, preocupadas com um futuro melhor para seus filhos e netos. Cobrar melhores condições de saúde, melhores escolas, um cenário positivo para o envelhecimento da população, menos violência, cidades mais saudáveis, enfim, tudo isso poderá ser bandeira para uma participação menos individualista e mais humana e solidária do nosso sexo.

CGT - Até a década de 1980 temas referentes ao trabalho feminino, seus saberes, sua sexualidade, sua participação política e econômica, estavam à margem dos estudos históricos. Desde então, os relatos históricos sofreram grandes transformações, um dos reflexos dessa renovação foi a

inclusão de grupos sociais que até então permaneciam invisíveis.

Em sua opinião, essa concepção historiográfica conseguiu transpor os limites acadêmicos e se transformar em saber histórico presente nas propostas curriculares, nos livros didáticos e nas práticas pedagógicas?

MDP - Vivi plenamente a preocupação das universidades nos anos 80, em criar centros de estudos nos moldes americanos: “gender studies”. Eles resultaram em inúmeros trabalhos e teses excelentes, na revelação de grandes talentos na área de Ciências Humanas, na preocupação de perceber o gênero como uma construção social e não um determinismo biológico, no resgate de documentos inéditos sobre o passado de nossas avós, enfim, inúmeras preocupações que espelhavam as mudanças na sociedade (pílula e trabalho). Os resultados deixaram a torre de marfim das universidades? Penso que não. Dificuldade de publicação, atomismo dos movimentos feministas, lutas internas de poder dentro da própria universidade resultaram na quase invisibilidade deste imenso esforço feito por tantos e tantas de nós. Por outro lado, podemos imaginar que nossas contemporâneas, absorvidas pelo mercado de trabalho, pelas dificuldades de sobrevivência e pelos problemas criados pelo excesso de individualismo também não estivessem interessadas no que se fazia em termos teóricos.

CGT - Percebemos atualmente no Brasil um incremento na procura por livros que contam a história do nosso país, sobretudo no que se refere ao período monárquico. A que se atribui esse crescente interesse dos leitores pelo tema?

MDP - Penso que, como em muitos outros lugares do mundo, o interesse por história sempre tenha existido. Faltavam, sim, obras de divulgação e difusão de informações escritas com o objetivo de atingir os que os historiadores franceses denominam “o maior número”. Afinal, a história é um romance que aconteceu! Colocá-la ao alcance de todos, instruindo e divertindo ao mesmo tempo, deve ser um dos objetivos dos historiadores,

jornalistas e outros profissionais que se interessem em fazê-lo. Sem preconceitos.

CGT - A senhora, como professora universitária e historiadora, percebeu que as questões de gênero, quando abordadas de forma romancada, despertam mais o interesse e auxiliam na conscientização da luta para a diminuição/eliminação dos preconceitos contra as mulheres?

MDP - Não creio que as personagens femininas sobre as quais trabalhei (a Condessa de Barral, mulher à frente de seu tempo, a imperatriz Leopoldina ou Domitila) apontem os caminhos para uma conscientização de gênero. Elas nos permitem, sim, descobrir personagens de carne e osso com desafios, dores, alegrias muito semelhantes às nossas. É isso que as aproxima de nós. E que, em consequência, nos permitem entender o passado e a história como um lento processo feito de muitas rupturas, mas, sobretudo, de muitas permanências. E essas, mormente no campo das representações: a esposa, a mãe, a puta. Os papéis femininos foram solidamente construídos no passado, mas eles foram também muito mais complexos do que podemos imaginar. No passado também as mulheres souberam reagir, infringir, romper e construir. Quanto mais estudo - agora estou escrevendo sobre a princesa Isabel - mais dou-me conta que cada caso é um caso. As singularidades são mais fortes do que as linhas gerais que possamos traçar sobre o "gênero".

CGT- Em sua opinião, a universidade como espaço dedicado aos estudos acadêmicos tem contribuído com especial atenção na sensibilização da sociedade em relação às mudanças e avanços nas questões de Gênero, através de Grupos e Núcleos específicos criados para tal fim, ou permanece como instituição "intramuros"?

MDP- Acho que a universidade vem contribuindo pouco. Não porque assim o deseje. Mas porque deixou de ser o único avalista de inúmeras

questões, matérias ou posições. Numa sociedade da comunicação, a opinião pública tem muito a dizer. É ela que julga o certo e o errado, o bom e o ruim. Excelentes comunicadoras como Regina Casé ou Hebe Camargo podem fazer mais contra a violência contra a mulher, a pedofilia ou outro problema qualquer do que a melhor tese defendida na melhor instituição de ensino. Os grupos e núcleos específicos tendem a verticalizar seus estudos, realizando o que já se denominou como “história do pequeno jardim”. Ou seja, multiplicam-se pesquisas, e falta síntese. E uma síntese que possa ser transmitida de forma fácil e que ajude a reagir e a pensar. Não esqueçamos que vivemos num país pobre e onde a educação deixa muito, muitíssimo a desejar, sobretudo entre mulheres carentes.

CGT - Tendo em vista seu conhecimento histórico sobre as mulheres no Brasil, a senhora poderia nos dar uma perspectiva das mudanças comportamentais que estão ocorrendo entre as mulheres brasileiras, levando em consideração a diversidade cultural de nosso país?

MDP- Esse é um vasto problema, pois cada região do Brasil possui sua especificidade.

O que há em comum é o machismo da mulher brasileira. Esse é o grande problema a enfrentar de Norte a Sul, Leste a Oeste. Na vida privada, a grande maioria de brasileiras de todas as classes sociais é horripelantemente machista: não deixa os filhos lavarem louça ou o marido fazer a cama. Adora ser chamada de tudo o que for comestível, tipo “gostosa” ou “docinho”. Mulher inteligente, para elas é “sapata”. Sonham ser como a mulher-fruta e toleram na televisão todo tipo de vulgaridade que inferiorize suas irmãs. Além de machistas, a domicílio, elas são homofóbicas e racistas. É, portanto contra esse machismo caseiro, disfarçado e envergonhado que temos que lutar. Essa é a mudança que temos que fazer.

CGT - Considerando que a sua produção literária tem contribuído enormemente para o relato histórico do papel feminino em nossa sociedade,

gostaríamos de parabenizá-la e incentivá-la, como aliada dos nossos esforços, para o esclarecimento das respostas ao senso comum da não inclusão da mulher como sujeito social atuante em nossa sociedade, que ainda privilegia as diferenças entre papéis devidamente dicotomizados entre masculino e feminino, por uma série de razões patriarcais históricas com valência negativa para as mulheres. Acreditamos que uma produção literária com temas com este objeto de estudo, não só como discurso da mídia, contém subliminarmente uma proposta de reconfigurar e articular mudanças de paradigmas.

Poderia comentar?

MDP - Procuo dar minha contribuição com modéstia. Afinal, sabemos que “tudo passa”. O mais importante é a disponibilidade de escuta e a humildade em reconhecer erros, dificuldades e limites. É importante reconfigurar paradigmas femininos no Brasil? Sem dúvida. Estou sempre disposta a contribuir de todas as maneiras ao meu alcance para que isso aconteça. Afinal, ser historiador nada mais é do que ser “um profissional do entusiasmo”!